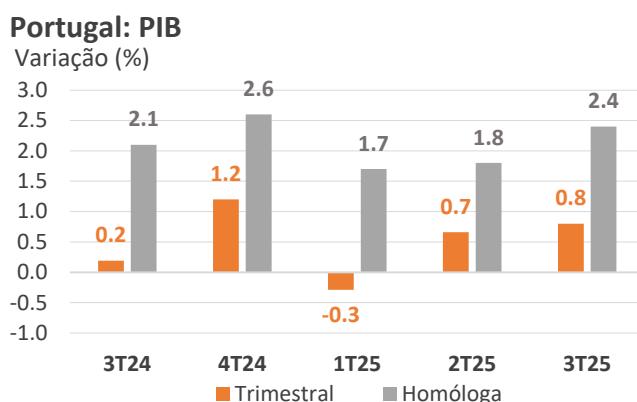
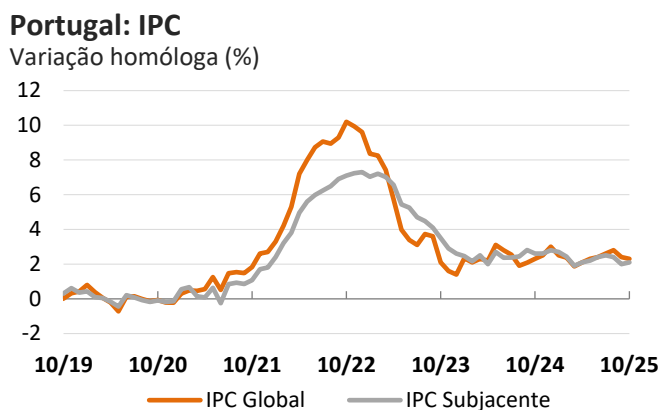


Economia portuguesa

O crescimento do PIB volta a acelerar no 3T. De acordo com os dados provisórios divulgados pelo INE, o PIB nacional registou um crescimento em cadeia de 0,8%, 1 décima acima do crescimento registado no 2T e em linha com as previsões do BPI Research. O maior contributo da procura interna justifica esta aceleração, suportado pelo consumo privado que beneficiou das medidas fiscais implementadas pelo governo no decorrer do 3T (alteração das tabelas de IRS com efeitos retroativos e pagamento do suplemento extraordinário de pensão). Por outro lado, a procura externa terá contribuído negativamente para o crescimento do PIB, com o aumento das importações a ultrapassar o das exportações. Em termos homólogos, o PIB cresceu 2,4% (1,8% no 2T), sendo esta evolução justificada pelos mesmos *drivers* que os do crescimento em cadeia (para mais detalhes, ver a respetiva [Nota Breve](#)). Estes dados acomodam a previsão atual do BPI Research para o crescimento do PIB real em 2025 (1,8%), sustentado na robustez e resiliência do mercado de trabalho, recebimento de fundos europeus (NGEU 2026) e com possibilidade de aceleração na sua execução e redução da incerteza associada ao acordo celebrado entre os EUA e a UE.



Em outubro, o indicador de clima económico diminuiu para 2,9%, menos 1 décima do que em setembro, em resultado da diminuição dos indicadores na indústria transformadora e nos serviços ter mais do que compensado os aumentos registados no comércio e construção. Adicionalmente, as vendas no comércio desaceleraram em setembro ao registar um crescimento homólogo de 2,3% (-1,1 p.p. face a agosto), em resultado do aumento das vendas no comércio a retalho (+5,0% homólogo) e da desaceleração em 0,5 p.p. nas vendas do comércio por grosso (cresceram 0,3% homólogo). O Índice de Produção Industrial aumentou 2,0% em termos homólogos (- 1,0 p.p. face a agosto), registando-se crescimentos positivos no setor da energia (+15,3%), bens intermédios (+2,9%) e bens de investimento (+0,1%) e, em sentido contrário, os bens de consumo contribuíram negativamente para esta evolução ao terem caído 3,5% em termos homólogos (para mais detalhes, ver a respetiva [Nota Breve](#)). Entretanto, o emprego mantém o forte dinamismo dos últimos meses, e terá crescido 3,6% homólogo em setembro (dados preliminares), ou seja, a população empregada voltou a bater um novo máximo histórico (de 5.286.700 pessoas). Por sua vez, a taxa de desemprego aumentou ligeiramente face ao mês anterior (+0,1 p.p.), para 6,0%.



O excedente orçamental terá ficado perto dos 3% do PIB até setembro. A receita aumentou 6,6% homólogo no acumulado do ano até setembro, ligeiramente acima do verificado para a despesa (6,3%), o que resultou num excedente de 6.304 milhões de euros, ou seja, de acordo com a nossa estimativa para o PIB, terá rondado os 2,8% (vs 2,6% em igual período de 2024). Não houve alterações dos *drivers* para o crescimento da receita e despesa, destacando-se, no primeiro caso, a receita fiscal (principalmente IRS e IVA) e contributiva, e, no segundo caso, as despesas com pessoal e transferências correntes.

As novas operações de crédito aceleram em setembro. Mais concretamente, cresceram 24,2% homólogo no acumulado do ano até setembro, um comportamento maioritariamente explicado pelos empréstimos para compra de habitação (+39,7% homólogo). De facto, o dinamismo do crédito à habitação explica mais de metade do aumento das novas operações do setor privado até setembro, seguindo-se os empréstimos concedidos às empresas (que cresceram 18,1% homólogo e explicam cerca de 35% do aumento) e o crédito ao consumo & outros fins (+11,2% homólogo, justificando os restantes 9% do aumento). Os montantes mensais de setembro revelam uma retoma do dinamismo em todos os segmentos de crédito, depois de, em agosto, se ter verificado uma redução face ao mês anterior, um comportamento que deverá estar associado a flutuações sazonais. De ressaltar que até ao final de setembro foi utilizado 40,3% do montante atribuído às instituições de crédito no âmbito da garantia pública aos jovens para a compra da primeira habitação.

Economia internacional

A digressão asiática de Trump traz cortes nas tarifas enquanto aguarda o Supremo Tribunal. Na véspera da cimeira da Cooperação Económica Ásia-Pacífico (APEC), a reunião na Coreia do Sul entre os presidentes da China e dos EUA terminou com um acordo que inclui um adiamento por um ano dos novos controlos de exportação de terras raras e outros minerais críticos, instituídos em outubro pela China. Acordou-se também em retomar as compras de soja e de outros produtos agrícolas dos EUA em troca de uma redução global de 10 pp nas tarifas sobre as importações chinesas. Tal redução afeta um dos dois aumentos decretados por Trump no início deste ano, motivado pelo comércio de opióides. Existe ainda a possibilidade de exportar os chips avançados da Nvidia para o desenvolvimento da inteligência artificial. Durante os últimos dias, os EUA concluíram acordos comerciais com vários países da ASEAN, incluindo compromissos no sentido de reduzir os obstáculos à entrada e conceder acesso preferencial aos produtos americanos. Adicionalmente, as isenções aprovadas em setembro para os parceiros recíprocos aplicar-se-ão ao Camboja e à Malásia, reduzindo as suas tarifas de entrada no mercado dos EUA. Já as condições para a Tailândia e o Vietname permanecem inalteradas. De acordo com as nossas estimativas, as medidas acordadas poderiam reduzir a tarifa média efetiva aplicada pelos EUA às importações chinesas de 40% para 30% e a tarifa total de 16% para 14,5%. Durante a próxima semana, as atenções vão centrar-se no Supremo Tribunal, que na quarta-feira vai ouvir os argumentos orais das partes sobre a validade das tarifas bilaterais estabelecidas pela Administração Trump.

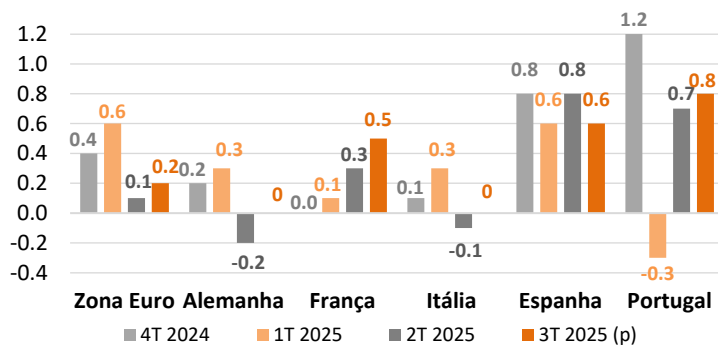
Os EUA começam o 4T numa boa base, com a inflação a manter-se moderada, por enquanto. Os principais indicadores mais recentes sugerem que a economia dos EUA começou o 4T em bom tom. O PMI composto subiu em outubro para 54,8, o seu nível mais elevado em três meses, impulsionado pelos serviços (55,2) e por um ligeiro ganho na indústria transformadora (52,2). Contudo, o inquérito sugere que o emprego cresceu a um ritmo mais lento e que as expectativas quanto ao futuro arrefeceram, sendo a incerteza política e as tarifas as principais causas. Com efeito, a incerteza política continua a ensombrar as perspetivas, na medida em que o governo está encerrado desde 1 de outubro, o que impediu a publicação de estatísticas oficiais (esta semana, por exemplo, foi publicado o PIB do 3T). Porém, foi aberta uma exceção na semana passada para o IPC de setembro. Os dados revelaram que a inflação global aumentou 1 décima de ponto percentual para 3,1% em termos homólogos e que a inflação subjacente estagnou em 3,1%. A desagregação das componentes é encorajadora em termos de evolução da inflação: o aumento deveu-se a um aumento dos preços da energia, enquanto a inflação noutras componentes se moderou ou estagnou. E os preços dos bens, embora com picos ocasionais devido a tarifas em algumas categorias, não estão, por enquanto, a refletir pressões inflacionistas mais alargadas. Por conseguinte, a Fed sentiu-se confiante para baixar as taxas em outubro. Contudo, tendo em conta o dinamismo que continua a marcar a atividade, tal como indicado pelos PMI, a Reserva Federal deu sinais de prudência antes da reunião de dezembro (ver notícias na secção dos Mercados Financeiros).

Crescimento modesto na Zona Euro no 3T, com grandes disparidades por país. Em cadeia, o PIB da Zona Euro cresceu 0,2%, em linha com as nossas previsões, apoiando a nossa estimativa de crescimento em 2025 de 1,3%. Não obstante, o valor agregado esconde uma grande divergência por país. Por um lado, a Alemanha e a Itália estagnaram, quase em linha com as nossas expectativas, depois de terem caído 0,2% e 0,1% no 2T, respetivamente. Em contrapartida, a França surpreendeu positivamente ao crescer 0,5% em cadeia (0,0% esperado), após 0,3% no 2T. A força aparente da França assenta em fatores transitórios: as encomendas de equipamento aeronáutico impulsionaram as exportações em 2,2% (0,3% anteriormente), tendo a procura externa contribuído com 0,9 pp para o crescimento da economia. Os resultados do 3T põem em evidência a fraqueza de fundo que continua a afetar a Zona Euro, e os indicadores disponíveis para o 4T sugerem que o crescimento poderá ser um pouco mais forte no 4T, mas continuará a ser bastante modesto (ver [Nota Breve](#)). Efetivamente, na Alemanha, o índice de confiança das empresas Ifo recuperou em outubro parte da queda sofrida no mês anterior (+0,7 pontos, para 88,4), mas continua longe do limiar de 100, que aponta para um crescimento económico próximo da sua média de longo prazo. Em contrapartida, o indicador de sentimento económico da Comissão Europeia subiu 1,2 pontos na Zona Euro para 96,8, o valor mais elevado desde março de 2023, mas ainda longe do limiar dos 100. Este mesmo relatório refere que os principais setores de atividade não preveem aumentar os preços nos próximos meses, enquanto os consumidores não esperam uma subida significativa da inflação nos próximos meses. A inflação de outubro caiu 0,1 pp para 2,1% em termos homólogos, enquanto a inflação subjacente permaneceu inalterada em 2,4%. Salienta-se a recuperação dos serviços (+0,2 pp para 3,4% em termos homólogos), que é compensada pela moderação dos bens industriais não energéticos (-0,2 pp para 0,6%) e pela queda dos preços da energia (-1,0% vs. -0,4% em setembro) (ver [Nota Breve](#)).

A economia chinesa perdeu dinamismo no início do 4T. O PMI oficial da indústria transformadora caiu para 49,0 em outubro (49,8 em setembro), o seu nível mais baixo desde maio, com o aumento das tensões comerciais entre a China e os EUA. Esta queda deve-se principalmente a um declínio acentuado das novas encomendas de exportação, afetadas por novas tensões comerciais, que culminaram numa nova prorrogação da atual trégua. A componente de preços de

Zona Euro: evolução do PIB

Variação trimestral (%)



Fonte: BPI Research, a partir de dados do Eurostat.

produção também continuou a cair, indicando que os problemas de excesso de capacidade e as pressões deflacionárias continuam a pressionar as perspectivas do setor. O PMI dos serviços subiu ligeiramente para 50,2 (50,1 anteriormente), mas o PMI da construção voltou a cair (de 49,3 para 49,1), atingindo o seu nível mais baixo, exceto durante a pandemia. De um modo geral, o PMI composto oficial desceu para 50,0 (50,6 anteriormente), assinalando uma estagnação da economia chinesa. A despeito desta fraqueza, a nova trégua comercial entre os EUA e a China poderá apoiar a atividade na parte final do ano.

A economia do México sofre com as políticas dos EUA. Depois de um crescimento de 0,6% no trimestre anterior, o PIB registou uma queda de 0,3% em cadeia no 3T 2025. Numa base anual, a queda foi de 0,2%, o primeiro recuo anual desde o 1T 2021. O abrandamento da atividade, por setores, concentrou-se principalmente na indústria, o que foi ligeiramente compensado pelo fraco crescimento dos serviços e do comércio. No que respeita à procura, aponta para um abrandamento do consumo, do investimento e das despesas públicas. Em resumo, o valor do PIB mostra como a incerteza comercial derivada das tarifas intermitentes anunciadas por Donald Trump está a afetar negativamente a atividade económica mexicana e, em particular, a sua dinâmica de exportação, e é um desincentivo ao investimento

estrangeiro. Na reunião de setembro, o Banco do México, para além de reduzir as taxas de juro em 25 p.b. para 7,5%, manifestou a sua preocupação com a dimensão da fraqueza económica associada à incerteza comercial, reconhecendo-a como um importante risco de abrandamento.

Mercados financeiros

A Reserva Federal baixa as taxas e arrefece as expetativas de futuras reduções das taxas. A Fed baixou a taxa dos *fed funds* em 25 p.b. para 3,75%-4,00%, o seu segundo corte do ano, e 150 p.b. abaixo dos máximos de 2023. Esta decisão foi mais uma vez justificada pela alteração do equilíbrio entre os seus dois mandatos, com o mercado de trabalho a continuar a arrefecer gradualmente e a inflação a refletir a subida temporária dos preços devido às tarifas, mas sem pressões inflacionistas amplas. Consequentemente, o contexto não se alterou materialmente desde a última reunião e, como resultado, a Fed voltou a considerar necessário um corte e avançou para níveis de taxa neutra. Contudo, o presidente da Fed avisou que os futuros cortes nas taxas, especialmente o de dezembro, estão «longe de estar garantidos». Desta forma, reiterou uma abordagem mais cautelosa, tendo em conta a falta de estatísticas oficiais, a tensão entre emprego e inflação e os dados que sugerem que a atividade cresceu de forma mais dinâmica do que inicialmente estimado. Finalmente, a Fed anunciou o fim do programa de redução de balanços (QT) a partir de 1 de dezembro, tendo reduzido os ativos detidos em 2,2 biliões de dólares, o que, em proporção do PIB nominal, implica uma redução de 35% para 21% (ver [Nota Breve](#)).

BCE: (quase) tudo inalterado a partir da Toscânia. O BCE manteve as taxas de juro na sua reunião de quinta-feira (*depo* nos 2,00%) e reiterou o seu compromisso com uma estratégia de tomar decisões «reunião a reunião, com base na evolução dos dados» e sem se comprometer com qualquer trajetória futura das taxas de juro. O BCE apresentou uma visão um pouco mais positiva da atividade económica e do equilíbrio dos riscos, especialmente com os dados do PIB do 3T acima dos 0,0% em cadeia projetados pelo BCE e tendo em conta a moderação dos riscos que o BCE retirou do acordo comercial entre os EUA e a UE, a trégua no Médio Oriente e os progressos nas negociações entre os EUA e a China. Todavia, a reunião não alterou significativamente as expetativas dos mercados financeiros, que continuam a propor taxas estáveis (*depo* a 2,00%), mas com uma certa tendência em baixa (probabilidade implícita de uma *depo* a 1,75% em meados de 2026 de 40%). Independentemente da conjuntura, o BCE anunciou também que o projeto do euro digital passará de uma fase de «preparação» (iniciada em novembro de 2023) para «preparação técnica para uma primeira emissão». A nova fase centrar-se-á na «preparação técnica» (desenvolvimento das bases técnicas do euro digital), no «envolvimento do mercado» (colaboração com os prestadores de serviços de pagamento, consumidores e outros intervenientes) e no «apoio ao processo legislativo» (prestação de apoio técnico aos legisladores europeus). O BCE apontou a possibilidade de um exercício-piloto em 2027 e uma potencial primeira emissão do euro digital em 2029 (Ver [Nota Breve](#)).

Os investidores encerram uma semana relativamente positiva para os ativos de risco, num contexto marcado pela trégua comercial entre os EUA a China, e pelas decisões dos principais bancos centrais. A Fed reduziu as taxas em 25 pontos base e anunciou o fim do programa de redução do balanço a partir de 1 de dezembro, mas o tom de Powell atenuou as expetativas de mais cortes, fazendo com que as yields de dívida pública dos EUA subissem, especialmente nos prazos mais curtos. O BCE manteve as taxas estáveis na Zona Euro e reafirmou a sua abordagem dependente dos dados, o que, num contexto em que a sua avaliação das perspetivas era um pouco mais benigna, provocou ligeiras subidas das taxas alemãs e descidas dos prémios periféricos. No que respeita às moedas, as decisões dos bancos centrais foram acompanhadas de um otimismo em relação à guerra comercial entre a China e os Estados Unidos, o que impulsionou o dólar face ao euro e também face a um iene pressionado pela decisão do Banco do Japão (BoJ) de manter as taxas. Quanto às bolsas, o otimismo em relação à IA, as tréguas comerciais com a China e os resultados positivos do 3T da maioria das empresas impulsionaram os índices norte-americanos, com o S&P 500 e o Nasdaq 100 a atingirem máximos históricos na semana. Registaram-se também ganhos generalizados na Europa, onde se destacaram o FTSE MIB e o DAX, com o CAC 40 francês a registar ganhos menores devido à persistente incerteza orçamental no país. No mercado asiático, o Nikkei subiu, beneficiando de um iene mais fraco e das expetativas de que o Banco do Japão mantenha a sua política monetária acomodatória, apesar da pressão internacional para a tornar mais restritiva. Nas matérias-primas, o petróleo caiu devido às expetativas de que a OPEP+ irá manter a sua política de

produção na reunião do fim de semana, enquanto os metais industriais evoluíram mistos, com o cobre a subir e o níquel a descer.

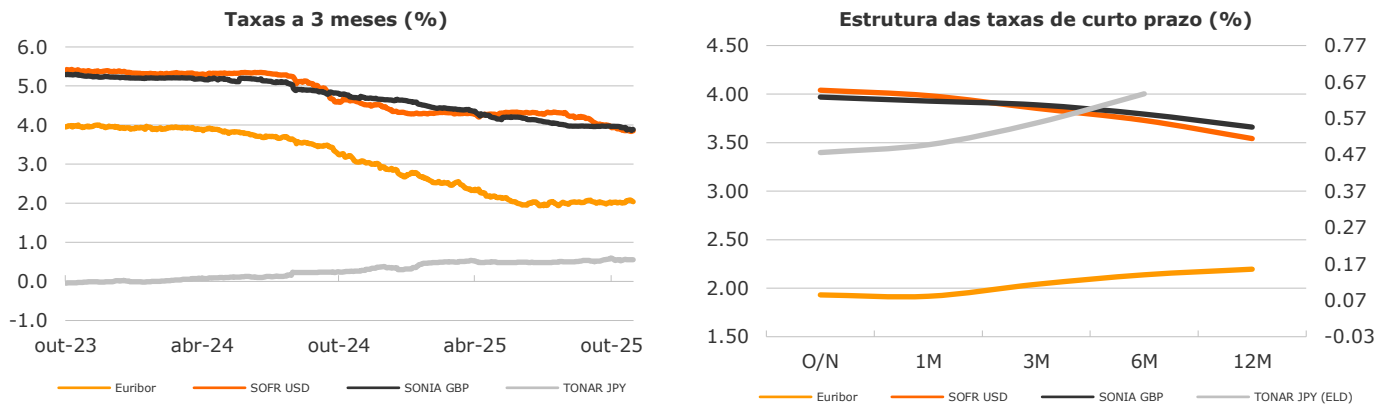
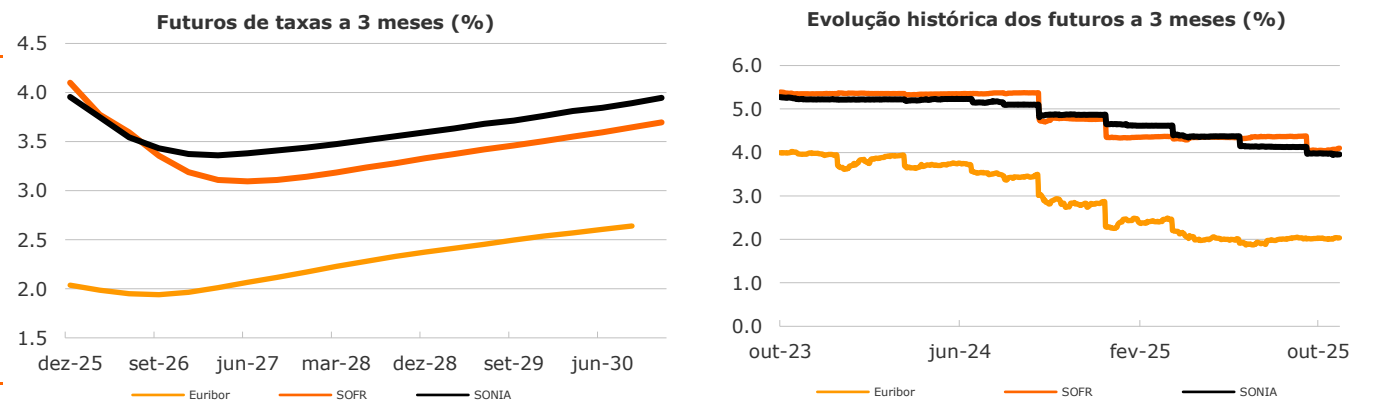
		30-10-25	24-10-25	Var. semanal	Acumulado 2025	Var. Homóloga
Taxas					(pontos base)	
Taxas 3 meses	Zona Euro (Euribor)	2,05	2,07	-2	-66	-101
	EUA (Libor)	3,84	3,86	-2	-47	-72
Taxas 12 meses	Zona Euro (Euribor)	2,19	2,16	+3	-27	-36
	EUA (Libor)	3,50	3,48	+2	-68	-67
Taxas 2 anos	Alemanha	1,99	1,97	+2	-9	-29
	EUA	3,61	3,48	+13	-63	-56
Taxas 10 anos	Alemanha	2,64	2,63	1	27	25
	EUA	4,10	4,00	10	-47	-18
	Espanha	3,15	3,16	-1	9	6
	Portugal	3,01	3,01	-1	16	21
Prémio de risco (10 anos)	Espanha	51	53	-2	-18	-19
	Portugal	37	39	-2	-12	-4
Mercado de Ações					(percentagem)	
S&P 500		6.822	6.792	0,5%	16,0%	19,6%
Euro Stoxx 50		5.699	5.675	0,4%	16,4%	18,1%
IBEX 35		16.040	15.862	1,1%	39,0%	37,4%
PSI 20		8.446	8.370	0,9%	32,4%	29,3%
MSCI emergentes		1.412	1.389	1,6%	31,3%	26,1%
Câmbios					(percentagem)	
EUR/USD	dólares por euro	1,157	1,163	-0,5%	11,7%	6,3%
EUR/GBP	libras por euro	0,879	0,874	0,7%	6,3%	4,2%
USD/CNY	yuan por dólar	7,110	7,123	-0,2%	-2,6%	-0,1%
USD/MXN	pesos por dólar	18,528	18,452	0,4%	-11,0%	-7,5%
Matérias-Primas					(percentagem)	
Índice global		106,8	107,4	-0,5%	8,2%	8,9%
Brent a um mês	\$/barril	65,0	65,9	-1,4%	-12,9%	-11,2%
Gas n. a um mês	€/MWh	31,0	32,0	-3,0%	-36,5%	-23,5%

Fonte: BPI Research, a partir de dados da Bloomberg.

Política Monetária e Taxas de Curto Prazo**Quadro de política monetária**

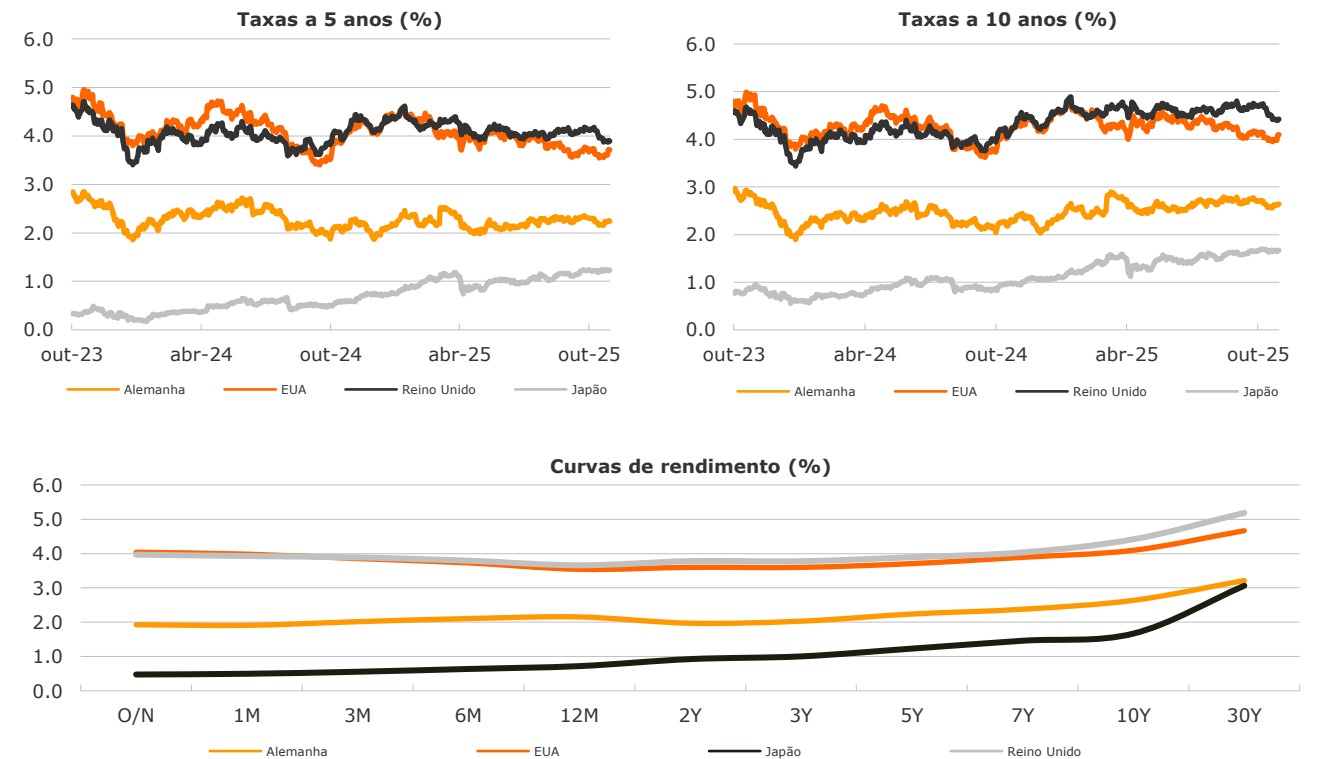
	Nível actual	Última alteração	Próxima reunião		Previsões BPI (final de período)			
			Data	Previsão	4T 2025	1T 2026	2T 2026	3T 2026
BCE	2.15%	5 jun 25 (-25 p.b.)	18-dez	0 p.b.	2.15%	2.15%	2.15%	2.15%
Fed*	4.00%	29 oct 25 (-25 p.b.)	10-dez	-25 p.b.	3.75%	3.50%	3.25%	3.25%
BoJ**	0.50%	24 jan 25 (+25 p.b.)	19-dez	-	-	-	-	-
BoE	4.00%	6 ago 25 (-25 p.b.)	06-nov	-	-	-	-	-
SNB***	0.00%	19 jun 25 (-25 p.b.)	11-dez	-	-	-	-	-

Nota: * Limite superior do intervalo. ** A partir de Abril de 2013, o Banco do Japão passou a adoptar como principal instrumento de política monetária o controlo da base monetária em vez da taxa de juro.
*** O nível actual refere-se ao valor médio do objectivo do SNB para a Libor 3 meses do CHF.

Taxas de curto-prazo**Futuros**

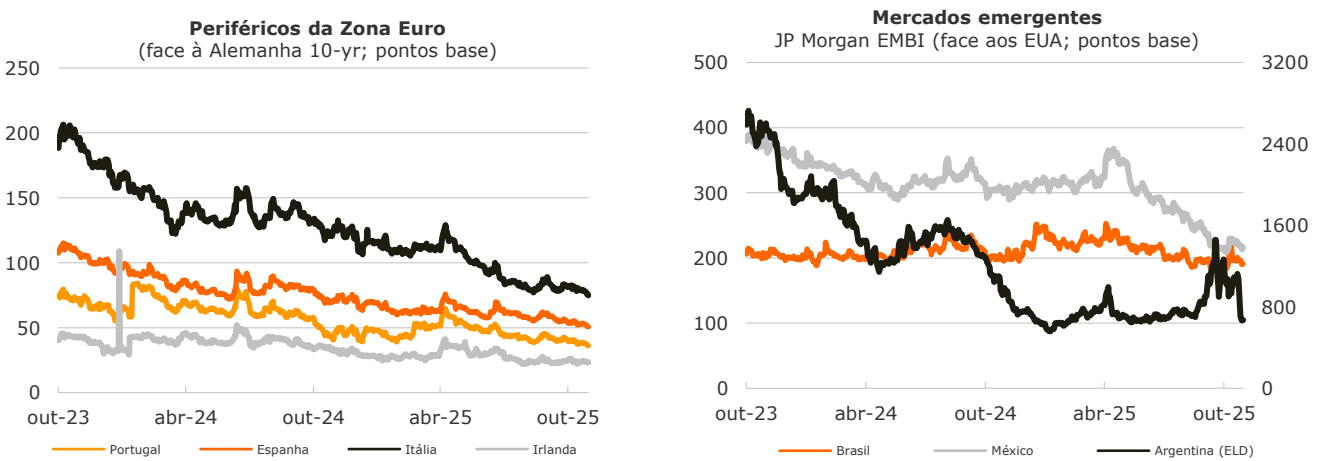
Dívida Pública

Taxas de juro: economias avançadas



	Alemanha		EUA		Reino Unido		Portugal	
	Actual	Var. 1 mês (p.b.)	Actual	Var. 1 mês (p.b.)	Actual	Var. 1 mês (p.b.)	Actual	Var. 1 mês (p.b.)
2 anos	1.97%	-4.6	3.60%	-0.8	3.78%	-20.4	1.94%	-9.8
5 anos	2.24%	-6.9	3.71%	-3.1	3.90%	-24.1	2.34%	-9.8
10 anos	2.64%	-7.2	4.10%	-5.3	4.42%	-28.0	3.00%	-11.6
30 anos	3.22%	-6.4	4.67%	-6.3	5.19%	-31.8	3.85%	-9.6

Spreads

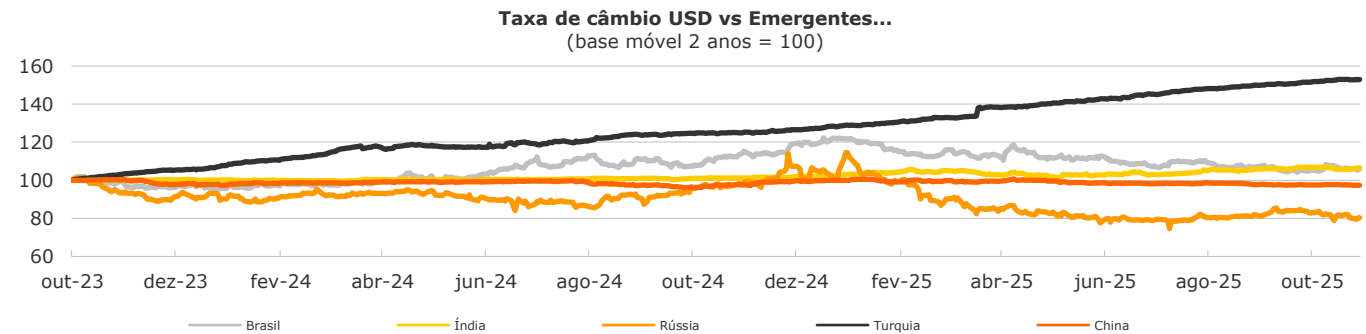
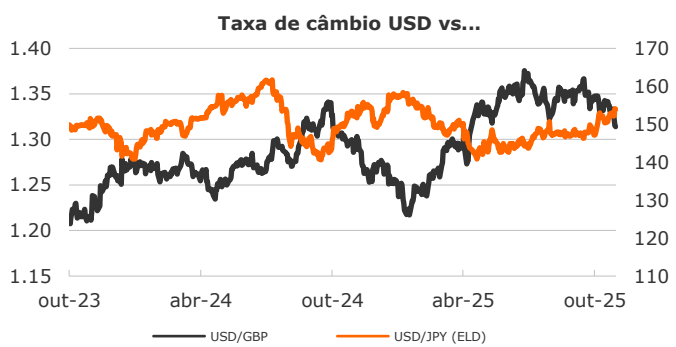
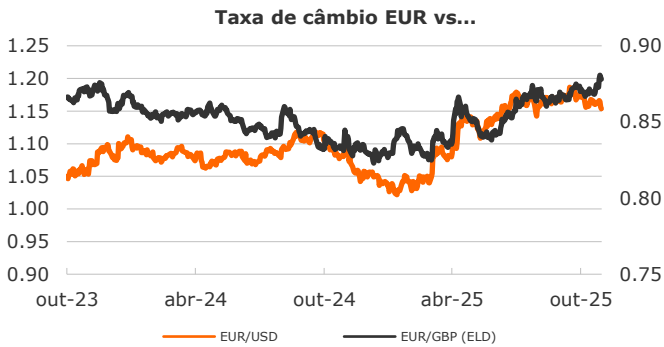


Mercado Cambial**Taxas de câmbio**

			Variação (%)					Últimos 12 meses	
			spot	-1 semana	-1 mês	YTD	Homóloga	Máx.	Min.
EUR vs...	USD	E.U.A.	1.154	-0.75%	-1.85%	11.50%	6.23%	1.19	1.01
	GBP	R.U.	0.878	0.53%	0.63%	6.13%	4.09%	0.88	0.82
	CHF	Suiça	0.927	0.19%	-0.78%	-1.34%	-1.37%	0.97	0.92
USD vs...	GBP	R.U.	1.31	-1.17%	-2.37%	4.96%	2.18%	1.38	1.21
	JPY	Japão	154.01	0.77%	4.24%	-2.14%	1.21%	158.87	139.89
Emergentes	CNY	China	7.12	-0.05%	-0.06%	-2.49%	-0.01%	7.35	7.09
	BRL	Brasil	5.38	-0.04%	1.26%	-12.74%	-6.86%	6.53	5.17

Taxas de câmbio efetivas nominais

			Variação (%)					Últimos 12 meses	
			spot	-1 semana	-1 mês	YTD	Homóloga	Máx.	Min.
EUR			104.2	0.02%	-0.44%	6.33%	4.14%	104.70	97.18
USD			128.0	-0.91%	-1.98%	0.04%	0.04%	-	-

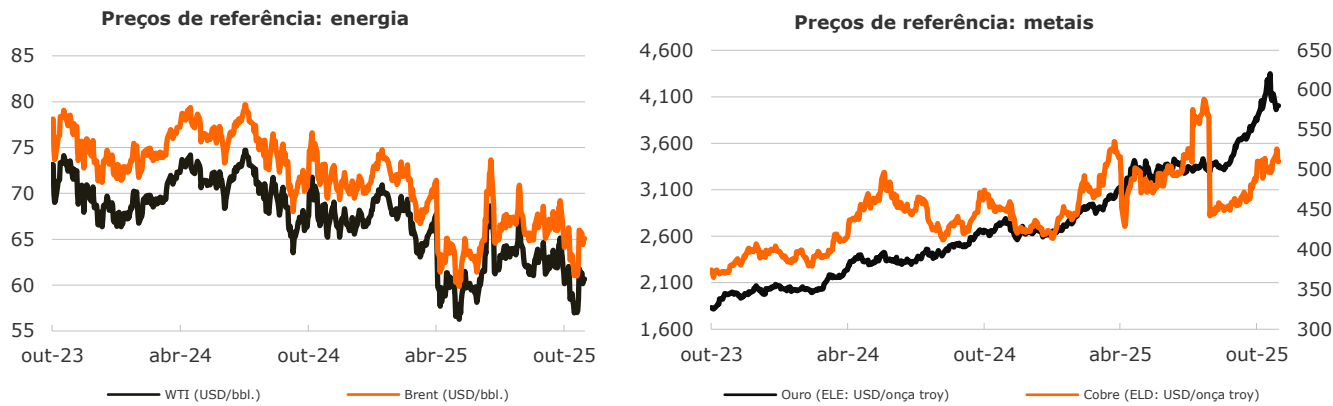
**Taxas de câmbio forward**

	EUR vs...					USD vs...		GBP vs..
	USD	GBP	DKK	NOK	CHF	JPY	CHF	USD
Taxa spot	1.154	0.878	7.467	11.674	0.927	154.010	0.803	1.314
Tx. forward 1M	1.156	0.880	7.465	11.693	0.925	153.541	0.800	1.314
Tx. forward 3M	1.160	0.883	7.460	11.736	0.922	152.611	0.795	1.314
Tx. forward 12M	1.174	0.894	7.443	11.915	0.908	149.329	0.773	1.314
Tx. forward 5Y	1.231	0.947	-	12.572	0.833	135.546	0.677	1.300

Fonte: Bloomberg

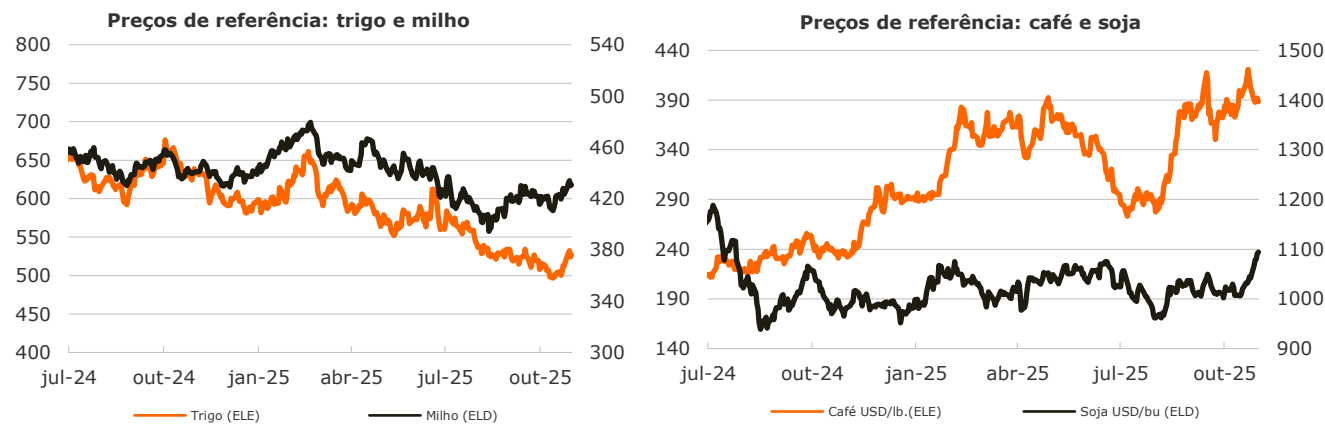
Commodities

Energia & metais



	31-out	Variação (%)			Futuros		
		-7 dias	-1 mês	-6 meses	1 mês	1 ano	2 anos
Energia							
WTI (USD/bbl.)	60.7	-1.3%	-2.1%	7.2%	60.7	59.8	60.7
Brent (USD/bbl.)	65.1	-1.3%	-1.5%	7.8%	63.9	63.4	64.3
Gás natural (EUR/MWh)	30.84	-5.1%	-2.1%	-5.4%	4.1	4.1	3.9
Metais							
Ouro (USD/ onça troy)	4,004.1	-3.0%	4.1%	46.2%	4,025.5	4,178.9	4,276.7
Prata (USD/ onça troy)	48.8	-0.1%	4.9%	49.3%	48.5	50.3	51.9
Cobre (USD/MT)	510.3	-0.4%	5.1%	8.3%	510.1	528.6	535.5

Agricultura



	31-out	Variação (%)			Futuros		
		-7 dias	-1 mês	-6 mês	1 mês	1 ano	2 anos
Milho (USD/bu.)	430.5	1.8%	3.7%	-3.5%	430.5	452.8	481.5
Trigo (USD/bu.)	527.3	2.8%	3.7%	-7.3%	527.3	575.5	619.8
Soja (USD/bu.)	1,094.0	5.0%	9.2%	5.7%	1,094.0	1,101.3	1,115.0
Café (USD/lb.)	388.6	-3.6%	3.7%	1.2%	388.6	328.6	297.6
Açúcar (USD/lb.)	14.5	-3.5%	-13.0%	-18.9%	14.3	14.0	14.6
Algodão (USD/lb.)	65.3	1.7%	-0.7%	-3.7%	68.7	68.8	69.9

Mercado de Ações

Principais índices bolsistas

País	Índice	Valor	Máximo 12 meses		Mínimo 12 meses		Variação		
		Actual	Data	Nível	Data	Nível	Semanal	Homóloga	YTD
Europa									
Alemanha	DAX	23,972	9-out	24,771	7-abr	18,490	-1.1%	25.7%	20.4%
França	CAC 40	8,121	21-out	8,271	7-abr	6,764	-1.3%	10.5%	10.0%
Portugal	PSI 20	8,444	31-out	8,449	7-abr	6,194	0.9%	29.3%	32.4%
Espanha	IBEX 35	16,030	29-out	16,211	13-nov	11,295	1.1%	37.3%	38.2%
R. Unido	FTSE 100	9,716	29-out	9,788	7-abr	7,545	0.7%	19.8%	18.9%
Zona Euro	DJ EURO STOXX 50	5,665	29-out	5,734	7-abr	4,540	-0.2%	17.3%	15.7%
EUA									
	S&P 500	6,847	29-out	6,920	7-abr	4,835	0.8%	20.0%	16.4%
	Nasdaq Comp.	23,726	29-out	24,020	7-abr	14,784	2.2%	31.1%	22.9%
	Dow Jones	47,492	29-out	48,041	7-abr	36,612	0.6%	13.7%	11.6%
Ásia									
Japão	Nikkei 225	52,411	31-out	52,411	7-abr	30,793	6.3%	37.7%	31.4%
Singapura	Straits Times	4,108	30-out	4,147	9-abr	2,285	4.2%	61.6%	71.2%
Hong-Kong	Hang Seng	25,907	2-out	27,382	13-jan	18,671	-0.2%	27.5%	29.1%
Emergentes									
México	Mexbol	63,078	29-out	63,540	30-dez	48,770	3.2%	24.5%	27.4%
Argentina	Merval	3,012,466	31-out	2,867,775	19-set	1,635,451	45.0%	62.9%	18.9%
Brasil	Bovespa	149,164	31-out	149,234	14-jan	118,223	2.0%	15.0%	24.0%
Rússia	RTSC Index	-	-	-	-	-	-	-	-
Turquia	SE100	10,972	26-ago	11,605	5-nov	8,567	3.4%	23.8%	11.6%

